

# Telessaúde: cada vez mais presente no nosso cotidiano

**E**stamos em 2021, e há muito tempo estamos ouvindo falar sobre Telessaúde aqui no Brasil. Pode parecer clichê começar esse editorial falando da evolução tecnológica em saúde. Mas a verdade, é que os enfermeiros que estão se formando agora, já estão vivenciando uma enfermagem imersa em tecnologia. É muito provável que nossos formandos já tenham tido algum contato com a telessaúde, o que nos leva também, a refletir na abordagem da tecnologia já na graduação.

Historicamente falando, o termo telemedicina foi um dos primeiros a surgir na literatura. Seguindo uma pesquisa realizada por Karen Zundel, do McKeesport Hospital, o termo surge na literatura em 1974, quando foi citado pela primeira vez, mas passou a ser incorporado como assunto de pesquisa na medicina somente em 1993. O fato é que desde a invenção do telefone em 1876 que a comunicação em saúde é utilizada para demandar cuidados remotamente. Então, a telessaúde surge de um consolidado de áreas da saúde que reivindicaram seu espaço, utilizando-se das tecnologias da comunicação e informação para desenvolver suas práticas de cuidado.

Podemos entender que os processos de saúde e do cuidar foram se reorganizando ao longo do tempo, e com a facilidade da comunicação através da Internet, as barreiras geográficas não eram mais um fator impeditivo para fomentar a saúde. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a telessaúde é o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para a prestação de serviços para a saúde, à distância.

Considerando que a telessaúde é uma complexa rede de ações integradas, então, já é comum observar a tele-educação em saúde, o uso de compartilhamento de dados e gestão remota, investigações e

epidemiologia, transmissão de imagem, áudio e vídeo para compartilhamento de dados clínicos à distância, promovendo a segunda opinião entre especialistas.

No Brasil, o Ministério da Saúde instituiu em 2007 o Programa Telessaúde Brasil apoiando as equipes da Atenção Básica com atividades de educação permanente e em 2011 com a Portaria nº 2.546 amplia as ações de telessaúde com o Programa Nacional Telessaúde Brasil Redes. Com isso, o Brasil passa a ter regulamentação para suas atividades de Tele-educação, Telediagnóstico, Segunda Opinião Formativa e Teleconsultoria.

“  
É muito provável que  
nossos formandos  
já tenham tido  
algum contato  
com a telessaúde,  
o que nos leva  
também, a refletir  
na abordagem da  
tecnologia já na  
graduação.”

Todas as atenções estão em torno da seguinte questão: qual será o futuro da saúde, com a tecnologia evoluindo tão rápido? E essa pergunta já pode ser respondida com as inúmeras aplicações que estamos observando no dia a dia. Existem dispositivos para uso em saúde

que foram projetados para smartphones, os chamados wearables (traduzindo ao “pé da letra”: vestíveis). São tecnologias que integram a máquina aos humanos, podendo ser desde lentes de aumento, até estetoscópios e aparelhos de ultrassom plugados ao celular. As pessoas estão cada vez mais conectadas, e o uso de inteligência artificial está integrando os eletrodomésticos inteligentes, carros autônomos, relógios de pulso e medidores de glicemia e pressão arterial que enviam seus dados para servidores na nuvem. Afinal, a tecnologia está dentro de casa, ou nós estamos dentro da tecnologia?

Eu poderia escrever páginas e páginas sobre as aplicações da tecnologia em saúde, mas não poderia deixar de evidenciar que agora, a telessaúde vai ser elevada à um nível mais integrado. Os novos recursos estão surgindo no apoio ao coletivo como supervisão e gestão de bem-estar e qualidade de vida, apoio ao autocuidado, aprimoramento da educação em saúde, e a integração do cuidado nas suas diversas esferas de atendimento. E você, tem se preparado para esse futuro? 🐦



FOTO: Arquivo Pessoal

**Luiz Miguel Picelli Sanches**

Doutor em Enfermagem. Especialista em Informática em Saúde. Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAV).